

JOSÉ Matoso Maia Forte, cujo falecimento ocorreu em Niterói, ha poucos dias, era, como redator-secretario do Jornal do Comercio, um jornalista de profissão, e, por muitos títulos, um especialista em historia e geografia.

Conhecemos-nos ainda rapazes, quando ele, como soldado do Batalhão Acadêmico, foi dos primeiros a desembarcar na vizinha cidade para a defesa da Republica ameaçada pela revolta da Armada. Depois, casando com uma niteroiense de escol, enraizou-se em minha terra natal. Desse consorcio, visivelmente abençoado por Deus, brotou numerosa prole. A dois dos filhos de Matoso me afeiçoel de modo particular, so mais velho, Oscar, cedo roubado á vida na pujança da mocidade, e a Nelson, meu querido aluno na Politécnica, hoje diretor da Escola Técnica Henrique Lage, e, portanto, em destacada situação de comando na administração educacional do Estado do Rio de Janeiro.

Foi ainda em Niterói que o ilustre morto iniciou sua brilhante carreira de funcionário público do nosso Estado. Nela galgou, por merecimento, todos os postos, desde praticante e amanuense á situação impar de Secretário Geral de Estado. Morreu como ministro, aposentado, do Tribunal de Contas.

Em paralelo com a fulgida carreira no funcionalismo, exer-

ceu ele desde cedo, na capital, quer em Niterói, ha poucos dias, era, como redator-secretario do Jornal do Comercio, um jornalista de profissão, e, por muitos títulos, um especialista em historia e geografia.



José Matoso Maia Forte

mo, como colaborador assíduo da imprensa local e representante (reporter) do jornal então de maior circulação, O País, de Quintino Bocaiúva. Mais tarde, na fase em que Alcindo

Guanabara e João Lage dirigiam essa folha, ingressou para a redação onde pouco depois veiu, se bem me recordo, a ocupar o lugar de secretario. Convidado pelo Jornal do Comercio ai trabalhou longos anos, recebendo do velho e respeitável órgão da imprensa carioca distinguidas provas de apreço.

Como funcionário e jornalista José Matoso revelou predicados sociais de elegância de maneiras e de bondade carinhosa que nobilitam e de certo modo facilitam o exercício quer de um, quer de outro encargo. Tenho a impressão que tais qualidades ele as ganhou por hereditariade. Seu pai era cavalheiro de rara elegância, de vestuários e de maneiras, e sua mãe, a delicada D. Laura, irradiava de tanta bondade que se fazia querida de quantos a conhecesssem. Eu que fui desse feliz numero guardo até hoje saudades da sua simpática figura sempre tão solícita com toda a gente e em particular com os amigos de seus filhos. José Matoso, pelo trato fino e afável, trazia-me sempre á memoria a lembrança de sua mãe.

A essas qualidades de feição social ajuntava o ilustre fluminense um grande amor ao trabalho, não recusando senão agradando os mais pesados deles. Emrestava, além disso, grande meticulosidade a todo o empreendimento a que se abalancasse. Tais predicados pessoais lhe

GEOGRAFIA CARIOPA

Jornalista e Geografo

grangeariam, como lhe grangearam, fulgida aureola de competência. Tornava-se em pouco tempo, fosse qual fosse o campo onde penetrasse, de indiscutida autoridade. Este foi o modo pelo qual se tornou especialista em problemas administrativos do Estado a que servia, particularmente em finanças públicas, ouvido sempre com acatamento pelos presidentes, governadores e inteventores.

Foi ainda deste modo que nas redações galgava rapidamente á mesa de secretario, que é aquela onde se exerce a difícil tarefa de "cozinheiro" do jornal,

funcionário na qual o serventuário desenvolve principalmente capacidades de coordenador, ou seja, de organizador das compactas páginas impressas, no dia seguinte saboreadas displicentemente pelos leitores entre duas baforadas de cigarro.

Esse conjunto de preciosas qualidades morais, sociais e intelectuais, de bondade, de elegância, de competência, de indefeso trabalho, tornaram Matoso estimado por companheiros, chefes e subalternos. Os azares da política de campanário, em que andavam ambos metidos no nosso sempre ator-

tem pela minucia e pela exactidão.

Da historia, por ele sempre minudentemente narrada, teria caminhado para a geografia. Em suas mãos esse ramo de saber cobria-se da mesma indumentaria meticulosa. Teria de ser, por conseguinte, preferencialmente um geografo descriptivo, sem tendência para devaneios de hipóteses e de doutrinas, a que tanto se afeiçoam os geólogos á falta de terem seguros e bem amparados os dados problemáticos com que lidam. O geólogo é de fato, pela força das circunstâncias, um poeta do passado. Idealiza convulsões remotas, camadas revolucionárias, vê oceanos e lagos onde hoje existem planícies e montanhas. Quando o geólogo chega á geografia humana, só se sente bem formulando "leis" e "princípios", arquitetando "teorias". Já o historiador, não.

Ao penetrar os umbrais da fisiografia, prefere indicar com rigor quilometragens, enumerar, sem desculpas, as multínias minudências de cotas e desniveis. E' de certo modo mais prático e mais rigorista, senão mais rígido.

São modos de ser a que jamais se pode completamente furtar quem faz geografia prática. Este procura o documento escrito, recolhe os informes dos que "com autoridade" já falaram sobre o assunto, e então, de lápis em punho, compraz-se

em anotar as opiniões divergentes, sopesando-lhes o valor probatório; ás vezes modestamente se esconde deixando que outros mais antigos tragam seus depoimentos ungidos pela patina do tempo. Aqueloutro ao contrário prefere ir buscar ele próprio, com o martelo em uma das mãos e o filme fotográfico na outra, o documento novo, original que, para ele, vale mais que todas as velhas autoridades somadas. São, como disse, modos distintos de atuar, e que de certo modo se completam.

Matoso e eu nos completavamos ao estudar, cada qual a seu jeito, o nosso querido torrão natal, esse valoroso Estado do Rio, que foi a glória da Monarquia, e particularmente do segundo reinado, e que hoje em dia, na República, para a qual tanto contribuiu, é tão desprezado e tão desconhecido.

Frequentemente nos consultavamos a propósito de pontos de estudo. E também frequentemente nos citavamos um ao outro ao tratar dos mesmos pedaços da nossa terra. Cada qual o fazia, como referido acima, em seu feitio, mas, por isso mesmo, nos entendíamos ás maravilhas. Nossos trabalhos só aparentemente eram desconexos, pois ambos visavam sempre a mesma meta: o melhor conhecimento da geografia fluminense. Ele, filho de Vassouras, de servar acima, portanto, eu, nascido em Niterói, junto ao oceano, até

nós eramos, um do outro, complemento "topográfico" e "fisiográfico", um magro e alto, outro, baixo e gordo. Esquiotílico, ele; ciclotímico, eu.

Quer Matoso Forte, quer eu, ainda que filhos da mesma nobre e tradicional terra fluminense, tivemos sempre atividades diversas no Distrito Federal. Cariocas fluminenses são afinal oriundos do mesmo trato de terra, pois Distrito Federal e Estado do Rio, geológica, fisiográfica, económica, étnica e etnográficamente são realmente iguais, quer do seu substrato físcico, quer nas suas manifestações antropogeográficas, citadinas ou rurais.

Matoso era funcionário em Niterói e jornalista no Rio de Janeiro. Eu, aqui funcionário e professor, mas do lado de lá da Guanabara exercia o jornalismo político. Mas ambos eramos curiosos da geografia e da história, de ambas terras, de lá e de cá.

E, por isso, não me pareceu fora de propósito, senão muito acertado, trazer para o modesto rodapé de geografia carioca este autorizado jornal, um cronaca, em rápidissimos traços, da prestigiosa figura de José Matoso Maia Forte. E essa só e rápida evocação deixa um traço de brilho nesta seção de seu normal obscura.

Everardo Backheuser

"Jornal do Brasil" Suplemento

27-5-945

Um Grande Trabalhador

Rubens Falcão

FOI ele José Mattoso Maia Forte, que a 11 de maio de 1945 se partia deste mundo. Carioca pelo acidente do nascimento, aos 18 anos ingressaria na administração pública do Rio de Janeiro como praticante da antiga Diretoria de Fazenda. Quase meio século de existência consagraria à terra de Quintino, que no seu governo o promoveria a chefe de seção do Tribunal de Contas.

Haveria de seduzi-lo, ainda na mocidade, o estudo da história e da geografia da ilustre Província. Dela escreveu em um ensaio para o Centenário da Independência: "No Império, a Província teve os seus dias áureos, tanto em relação à sua influência na política nacional, como à sua prosperidade econômica. A Província foi, por assim dizer, um principado político no Império, uma espécie de pasta suplementar dos gabinetes ministeriais. Pela sua administração superior e pelo parlamento local, passaram homens eminentes da política nacional, que figuraram nos altos Conselhos da Coroa e no Parlamento do Império". Os trabalhos que deixou, feitos com erudição e amor à verdade, aumentam e enobrecem a bibliografia indígena, são fontes de ensinamento perene. Mesmo os de menor vulto; há sempre o que nelas apreciar e aprender.

Visitando-o, algumas vezes, na sua casa, o solar da Rua José Bonifácio n.º 39, em Niterói, quando a moléstia já lhe não permitia atravessar a Guanabara para as lides noturnas do "Jornal do Comércio", pude sentir quanto esse homem trabalhava, como era sincero o seu interesse pelas coisas fluminense. Pesquisador indefeso, não tinha pressa em concluir. De uma crescente curiosidade, perquiria a propósito de tudo. Só afirmava quando perfeito senhor do assunto, e não consta haja sido jamais contraditado. Pois foi em sua casa que me revelou os originais de uma corografia do Estado do Rio. Estava pronto, ou quase pronto o capítulo relativo à potamografia. Até os pequenos cursos d'água, a que geralmente não se dá importância, estavam ali mencionados, como os afluentes de todos os rios. (Ignoro o destino que teve esse trabalho depois da morte do autor).

Meu primeiro contato com José Mattoso Maia Forte deu-se na Agência Americana, de cujo serviço telegráfico era ele diretor. Foi isso por volta de 1925. Chegado, havia dois anos, a esta metrópole, começava na revisão do jornal de Félix Pacheco a minha luta pela subsistência em meio estranho. Desde então, nunca mais deixaria de admirar e de querer o ex-discípulo de Alberto Brandão, aquêle que abandonaria a Escola Naval para ser apenas burocrata e que nos idos de 1893, participando do Batalhão Acadêmico, combateria em defesa da velha taba de Martim Afonso.

Mattoso me animava e estimulava com o seu exemplo. Eu via nele um paradigma, um modelo, de quem tentaria me aproximar algum dia se me pusesse o destino a serviço da causa coletiva.

Era, quase sempre, o primeiro a me felicitar e incentivar toda vez que, pela confiança de preclaros governantes, vencia eu mais um degrau na administração do vizinho Estado. Desaparecido há pouco mais de três lustros, não o esquecem os que o conheceram e amaram. Sua prole, numerosa e brilhante, honra o seu nome, que pode figurar entre os que significaram a espécie humana. Porque ele foi uma individualidade de escol; um admirável, um grande trabalhador.

* * *

Aspira a prestar-lhe esta pequena homenagem quem muito dele recebeu em aprêço e carinho.

REGISTRO de ONTEM e de HOJE

O DIA DE AMANHÃ:

DIA de S. João Vianney, o Cura d'Ars, sacerdote francês que viveu de 1787 a 1859. Foi canonizado em 1925 pelo Papa Pio XI.

NESTA DATA:

MORREU Trajano, Imperador de Roma. (117)

NASCEU no Rio de Janeiro Frei Francisco de Santa Teresa de Jesus Sampaio, orador sacro. (1778)

FOI CRIADA na Suíça a Cruz Vermelha. (1864)

MORREU no Uruguai o Almirante Barroso, Barão do Amazonas, vencedor da batalha do Riachuelo. (1882)

CHEGOU ao Rio de Janeiro, em visita oficial ao Brasil, o Presidente da Argentina, General Júlio Roca. (1899)

MORREU no Rio de Janeiro o poeta Mário Teixeira. (1926)

DECLAROU a Rússia guerra ao Japão. (1945)

MORREU o historiador norte-americano Charles Seymour. (1968)

QUARTO-CRESCENTE a 14, sexta-feira.

O DUQUE DE RICHELIEU

No dia 8 de agosto de 1788, morreu Luis-François-Armand du Plessis, Duque de Richelieu, Marechal de França e membro das Academias Francesa e de Ciências. Nascido a 13 de março de 1696, sobrinho-neto do famoso Cardeal Richelieu, foi um dos homens mais notáveis do século XVIII. Iniciando brilhante carreira militar como mosqueteiro, tomou parte no Combate de Denain, como ajudante de campo do Marechal Villars, e em todas as batalhas que se travaram ao tempo de Luís XV.

Foi ele quem, em 1747, salvou Gênes do jugo austriaco, tendo o Senado dessa cidade lhe erguido uma estátua. Na guerra de 1756, tomando Port-Mahon, conquistou a ilha Menorca e, no ano seguinte, forçou o exército misto de ingleses e holandeses a capitular, perto do Elba.

O Duque de Richelieu teve uma juventude agitada. Aos 15 anos, já irrefletidamente presunçoso, foi metido na Bastilha, devido às suas pretensões junto à Duquesa de Borgonha. A essa prisão voltaria mais tarde várias vezes por sua galanteria e também por intrigas políticas, entre outros motivos.

O DIA DE HOJE

DIA de S. Ciríaco e de seus quarenta companheiros mártires, supliciados em Roma no ano 303 por ordem do Imperador Maximiano.

MONTE ALVERNE E FEIJÓ

No dia 9 de agosto de 1784, nasceram dois grandes brasileiros, Frei Francisco de Monte Alverne e o Padre Diogo Antônio Feijó. O primeiro, nasceu no Rio de Janeiro e tinha no século o nome de Francisco José Carvalho; era religioso franciscano e se notabilizou como orador sacro, havendo falecido em Niterói a 2 de dezembro de 1858. Feijó foi um dos maiores estadistas que já teve o Brasil, devendo-se à sua energia e ao seu descortino haver o País atravessado sem desagregar-se o difícil período da Regência. Morreu a 10 de novembro de 1843.

Antigas famílias de
Iguacu Velho

Idades mais antigas = (de ouro velha nobreza
de Port.)

= Corrêa Vasconcelos

= Corrêa Vasconcelos

= Barbalho Bezerra etc

===== Idades mais novas

De Marapéu =

= Manoel Peixoto Rondon, reitor da
esposa Helena de Andrade Souto maior

filhos = José Peixoto Rondon de
agudos Coutinho.

D. Francisco de Sousa de Faria
Peixoto Coutinho

Vlemente Peixoto de Agudos Coutinho e
Melo

Ignacio de Andrade Souto maior
Rondon

Des. Eloy Dias Texeira

(página)

Em S. Ant. de Jacutinga

Hans. José de ~~Colombia~~ Miss. p. Tá,
oposso, havia feito a
André de
Barão,
V. Conde
Conde e
Marquês
de Bonfim

Dr. José Dantas Ribeiro Boira da Campain

(página)

Cabral de Melo,
ff de Forro o Oliveira Caldera
Brand (Visconde de Jucurutu)
Felisberto Caldera Brant, diplomata
e Relações

Brando da Cruz da Vila (1883)

Detracam-se -

Comendador Ignacio Ant. de Sousa Aranç
(Barão de Guaram), um dos
primeiros comendadores

Francisco José Soares. Reclamou a
comenda da Ordem do Cristo
confundida com pessoa integral.

Patriarca de numerosa família
e imigrante.

Esposa - Carlota Joaquima Soares
e teve 5 filhos

1) Maria Angelica, casada c/o comendador
Manoel Lins de Souza e Melo

2) Cipriana Maria, casada c/o Beneditino
José de Souza e Melo

3) el.
Harm. José Soares filhos - Juiz da Paz, Vila das

4) Antônio José Soares

5) José Joaquim Soares

Toda a patrulha nascia menor que 425 centímetros